

duplicata

1964

pesquisada



Nathan

JÓIAS

Instituto de Arte

avenida copacabana 828, ap. 1204 — telefones 57-0917 - 57-2231 - rio

Nações Unidas ao Dr. Fernando Levisky

O nosso colaborador e advogado Fernando Levisky, recebeu do Ministro Marcial Tamayo, representante da ONU no Brasil, a seguinte missiva:

“— Prezado Dr. Levisky:

Serve a presente para confirmar-lhe que, inteiramente inteirado de seu interesse e preocupação a respeito do problema da prescrição dos crimes de guerra, aliás motivo de suas várias visitas a este Centro de Informações, já está a sede das Nações Unidas informada sobre o movimento que Vossa Senhoria lidera neste sentido.

Outrossim, posso adiantar-lhe que o assunto encontra-se também na pauta dos trabalhos da Comissão de Direitos Humanos, devendo igualmente ser objeto de deliberação na próxima sessão do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Senhoria os protestos de minha subida estima e consideração, firmando-me

Atenciosamente

(a.) MARCIAL TAMAYO, Diretor”.

Israelitas participam no Conselho empossado pelo Presidente da Republica

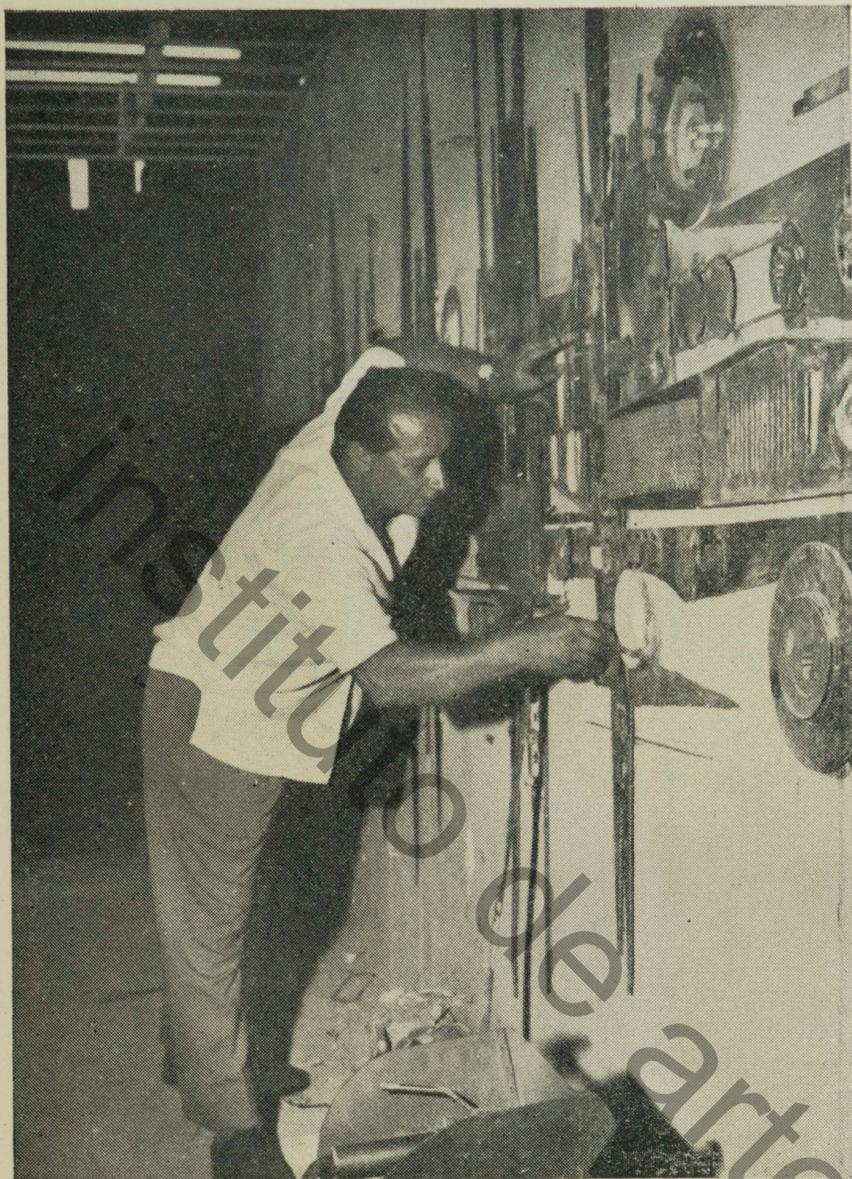
Pela primeira vez a Comunidade Israelita brasileira, por intermédio da Confederação Israelita do Brasil, participa num Conselho criado pelo Governo Federal. O Presidente da República, baseando-se na Lei, criou a FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM-ESTAR DO MENOR. Um Conselho composto de 22 personalidades, representando o Governo e outras organizações indicadas pela Lei, dirige os trabalhos dessa Instituição para todo o território nacional.

A Confederação designou o Grão-Rabino Dr. Henrique Lemle como seu representante no Conselho e o Dr. M. Konstantino como seu suplente. O Rabino Dr. Lemle, junto com os outros Conselheiros, participou na 2.^a-feira, dia 24 deste mês, na recepção oferecida pelo Presidente da República aos Conselheiros no Palácio das Laranjeiras, ocasião em que foi dada posse ao Conselho da Fundação.

novas luzes para
um velho povo 

Menorah

agora é quinzenal



D.L.

Retoque do painel

Criador e criação



DOMÈNICO LAZZARINI e IVAN SERPA, dois pintores atuais e atualizados com o movimento artístico nacional e mundial trazem até nós alguns de seus pontos de vista, considerações em torno dos reflexos das aspirações ideológicas e estéticas sobre a arte moderna, de suas influências, particularizando, pondo em relêvo as justas ambições dos artistas.

Uma nova idéia de evolução e pesquisa, de real interesse pelos valores novos, a inteligência humana a serviço da arte, uma arte livre, sem fronteiras e abismos são a essência deste diálogo a três — dois pintores e seu público sempre atento e curioso.

IVAN SERPA: O meio ambiente influencia muito a pessoa do artista. Não basta somente o seu interior que afinal é formado por experiências vividas. Essa vivência é dependente do meio em que ele vive. A época tem grande interferência sobre a arte. Se agitados num ambiente de movimentos políticos ou de dificuldades monetárias seremos bem diferentes daqueles que vivem fora desses problemas.

LAZZARINI: O verdadeiro artista não sofre influência política. Exemplos disto são Morandi, Carrá, De Pisis e Campigli que viveram sob o regime fascista de Mussolini e nunca pintaram o Duce cortando trigo... Entretanto, existem dois tipos de artista: há o que entende, gosta, sabe pintar e faz coisas bonitas — e há o artista que cria. Este parte sempre de dentro dele, pinta por uma necessidade interior, diferentemente do primeiro cuja necessidade é mais exterior, mais de aplauso. Como artista criador citaria Portinari. Portinari não é tanto "Guerra e Paz", nem "Os Retirantes" ou "As flôres". Em todos eles existe sempre Portinari, ele próprio; o problema é aquilo que traz interiormente, sua criação que ele nos impõe. O assunto é secundário.

SERPA: A fase atual de minha pintura é um reflexo não só de nosso ambiente mas do que se escuta falar, dos acontecimentos mundiais. Hoje não vivemos mais independentes e sim em relação ao todo. Antigamente tínhamos quase que um isolamento em relação aos problemas do mundo. Hoje ele se tornou muito pequeno. Somos uma parte de uma comunidade cujos problemas não são mais de um só país, mas de todos. Dependemos um do outro e isso nos torna, obrigatoriamente, comunicativos. Há atualmente um intercâmbio muito grande entre os artistas, trocas de idéias, e mesmo esse sentido de arte nacional começa a perder aos poucos o seu sentido.

LAZZARINI: Para o artista não existe tempo nem espaço. Particularmente, procuro não exatamente a comunicação mas o meu meio de expressão. Não existe mais para nós, artistas, uma diretiva. Temos liberdade de fazer aquilo que sugere nossa sensibilidade.

SERPA: As guerras, sem dúvida, refletiram-se não só no panorama artístico mas no próprio sentido da condição humana. Houve, apenas um aceleração daquilo que viria com o decair dos anos. Pessoalmente preferimos evoluir dentro de um clima de paz.

LAZZARINI: Todos os grandes movimentos, como as guerras por exemplo, refletem-se na cultura e na arte. Pelo fim do Século XIX, Cézanne, e depois Picasso e Braque, Jean Gris e outros artistas provocaram um grande movimento que morreu com a guerra; logo depois da Primeira Guerra Mundial também sobreveio um pequeno movimento, principalmente na Europa, reforçado mais ainda após a Segunda Guerra Mundial. O sofrimento que o povo suportou refletiu-se profundamente no mundo cultural. Neste período surgiram os pintores abstratos. Este movimento nasceu na França, abrangendo uma infinidade de pintores, entre eles Kandinski e Mondréan, que tomou uma corrente geométrica. Logo depois apareceram os abstracionistas franceses como Menezier, os italianos Vedova, Santomaso e Sireni.

SERPA: Entre os pioneiros do abstracionismo o mais conhecido é Kandinski. Entretanto esse pioneirismo dependeu de centenas de artistas que por sua vez influenciaram milhares de outros. Mesmo os que foram medíocres contribuíram com uma partícula. Em todas as épocas, porém, existiu este sentido de abstracionismo, acentuado durante a Primeira Guerra Mundial. Os povos antigos, como os árabes, por exemplo, já o empregavam, de uma forma particularizada, porém autêntica.

Miriam Blanck Sambursky

LAZZARINI: A arte moderna é bem diferente daquela antiga. Nos períodos compreendidos entre o Século XIII até o século XVIII a pintura era feita a serviço da religião. Hoje o artista tornou-se uma personalidade separada das outras, segue apenas levado pela sua maneira de sentir as coisas. Se é uma fase de evolução, como creio que seja, só o tempo poderá nos responder. Destas diversas formas de sensibilidade artística surgem expressões e características múltiplas.

SERPA: O homem chegou assim num sentido de N dimensões. O mundo é visto por ele por milhares e milhões de maneiras de serem expressadas. E como o homem está sempre à procura de uma nova expressão, faz com que surjam novas escolas. Isso no meu entender não é decadência e sim enriquecimento, um avanço. Para os que não estão acompanhando o desenvolvimento da arte pode esta busca de novos elementos e novas formas parecer estranha. Mas, no momento em que acompanhamos essa evolução vemos que existem os que pesquisam com sinceridade e em profundidade.

LAZZARINI: Uma pintura característica brasileira já existe, em parte. O Brasil não tem uma tradição de pintura, esta começa há pouco tempo. Entretanto, apesar de ainda notarmos a influência externa, já se pode sentir em alguns dos artistas brasileiros as características geográficas, principalmente entre os mais novos. Sofri influências, como os demais. O abstracionismo francês me atraiu bastante. Contudo, estudei com Rosai em Florença e de modo algum sofri sua influência.

SERPA: Ainda não existe uma arte caracteristicamente brasileira. Mas já existe um esforço neste sentido. Passará a ter esta característica quando olharmos mais para nosso ambiente, procurarmos mais a nossa vivência. Neste momento ela surgirá.

Tudo em nossa vida artística nos influencia. Pessoas, animais, alegrias, tristezas, decepções. O meio, entretanto, mesmo havendo interferências exteriores se faz sentir como influência regional. Nossa tradição, infelizmente, é mínima e por isto sofremos muito mais a influência externa. É preciso resistir um pouco... aceitando certos elementos mas ao mesmo tempo não esquecendo que vivemos aqui e não lá fora. No começo senti-me influenciado pelos abstracionistas suíços. Libertei-me, logo, desta influência.

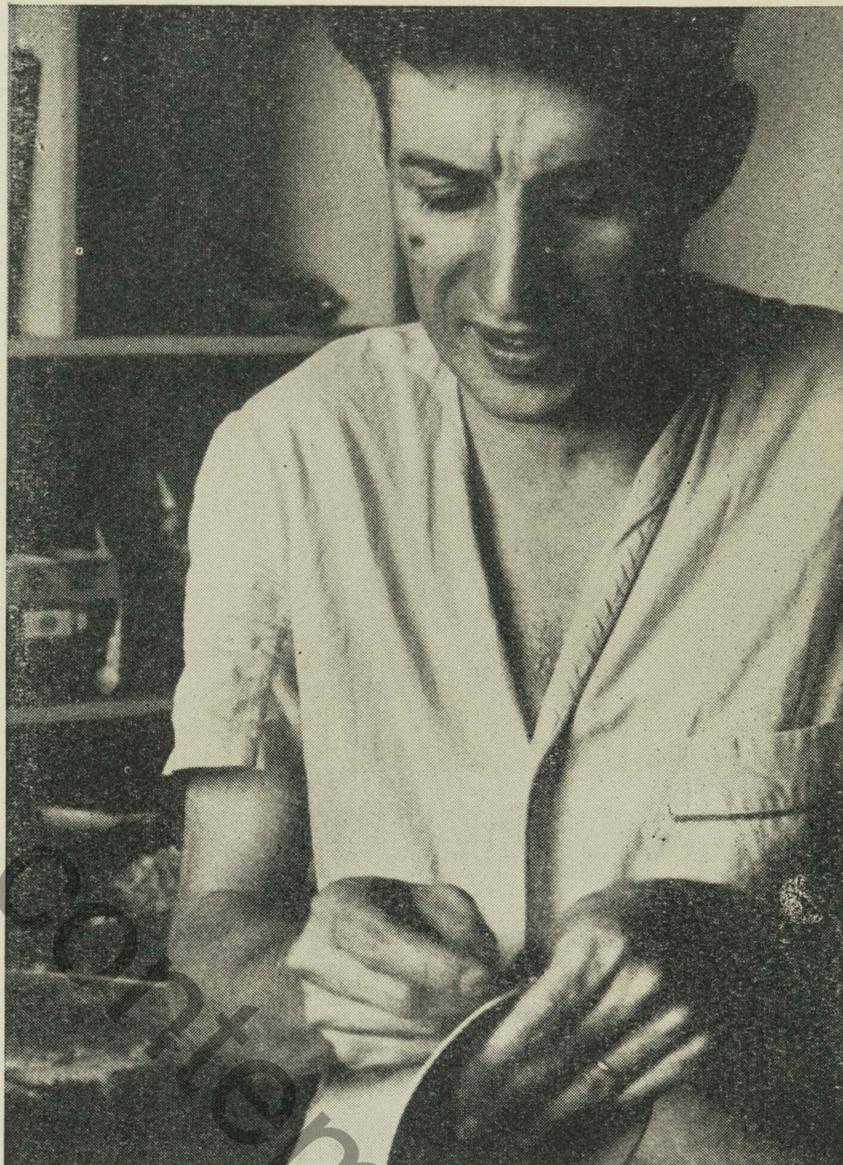
LAZZARINI: O centro cultural do mundo ainda é Paris. Em Nova Iorque é tudo matéria de exportação. A pintura americana é bastante frágil. Têm, entretanto bons artistas, como Pallock, e outros.

SERPA: Os Estados Unidos já possuem uma escola respeitada em todo o mundo. Tiveram a chance de comprar muita coisa na Europa, têm grandes museus e oportunidade para estudar.

LAZZARINI: O importante é sermos autênticos, sempre lembrando que em matéria de arte temos que dar tudo que temos dentro de nós mesmos.

SERPA: Nosso grande objetivo seria viver exclusivamente da arte, ter condições de viver desta arte como profissionais, com um mercado real e não forçado como preços fictícios e elogios forjados.

A mais antiga das ambições de todos intelectuais do mundo — viver em liberdade — de expressão, de labor e de lutas, com as justas compensações. É tudo que procuram, tudo que ambicionam. Em troca oferecem-nos puro mel destilado em suas celméias onde atividade é sinônimo de vida □



I. S.

O autor

A obra



Ben Morris e Dascha apresentam as

instituto

de arte
contemporânea
elegantes

de

64

Rio-São Paulo



A Senhora Cora Segall lidera a elegância feminina no Rio de Janeiro, aproximadamente há 25 anos. Conhecida pelo seu extraordinário charme, extremamente simpática e "soignée". Grande parte do ano, encontra-se no exterior, visitando Paris, Itália, Suíça, Israel e Bélgica. Gosta da boa leitura, aprecia a Pintura, e seu principal hobby é colecionar antiguidades. Veste-se em Jean Patou e Lanvin. Quando no Rio, trabalha para a Policlínica e Wizo. Casada com o industrial Maurício Segall, diretor da firma Brasil-Holanda.

GB

MENORAH